

## **ELOS DE PERMANÊNCIA: O LAZER COMO PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA DOS LIBERTOS E DE SEUS DESCENDENTES**

PATRÍCIA LAGE DE ALMEIDA

Pretende-se enfatizar, na apresentação destas notas de pesquisa, os momentos de lazer como sendo espaços de sociabilidades, capazes de se revelarem como produtores da inclusão dos negros libertos na sociedade juizforana do início do século XX. A argumentação terá a característica de preencher lacunas a respeito deste grupo, observando algumas de suas peculiaridades dentro de uma coletividade.

Este estudo, portanto, se inclui em uma linha de abordagem que ressalta a importância das vivências e experiências comuns de um grupo, capazes de delinear sua trajetória em busca de uma coesão que os fortaleça e os identifique, em um contexto adverso. Assim o foco será dado aos libertos e/ou seus descendentes que se localizaram na zona urbana de Juiz de Fora e de como se organizaram neste novo momento. O comportamento destes indivíduos para viabilizar sua inserção na sociedade e, neste sentido, o lazer como espaço capaz de fortalecer as tradições formando elos de permanência e resistência cultural frente à exclusão e discriminação sofridas<sup>1</sup>.

As relações sociais, no Brasil, no contexto proposto, eram baseadas em redes de poder político e econômico, nesse processo a abolição não representou uma ruptura e sim uma continuidade do subjugado social, da exclusão e da perversidade que existiam na sociedade, que durante anos iria rejeitar o elemento negro como parte integrante de sua formação social.

Com a expansão do processo capitalista, a evolução industrial transformou as relações de trabalho, sujeitas agora ao capital. Novos atores surgiram no cenário social do país submetidos às novas relações de trabalho. O acirramento das disputas pelo poder e as batalhas entre classes, dificultaram ainda mais a inserção do liberto no âmbito social. Totalmente despossuídos, sem encontrar uma maneira de interação com os novos grupos sociais, desclassificados e marginalizados ficaram a mercê da nova conjuntura.<sup>2</sup>

A visão do negro vadio, incapaz, veio da própria impossibilidade da sociedade da época em aceitá-lo e assim o ex-escravo se tornou um indivíduo visto como desordeiro e ameaçador.<sup>3</sup> Esse era o desafio que a sociedade branca, o Estado e a Igreja tinham de enfrentar, legitimar esses homens, deixar que trilhassem o caminho da construção de sua cidadania, aceitar seus credos, suas tradições e sua cultura tão adversa aos modelos tradicionais europeus copiados pelos brasileiros de então.

A questão de limitar o avanço dos negros em busca de uma vida melhor, está estreitamente ligada à nova política vigente que procurava, neste período, transformar o Brasil não só em suas bases agrárias, mas torná-lo um novo país nos moldes europeus, a onda do progresso derrubava casebres, cortiços, vendas e biroschas dando lugar às novas edificações, mais adequadas ao sistema capitalista que mudava as relações e ditava as regras sociais.<sup>4</sup>

Para tal a historiografia contemporânea lança algumas luzes para se trabalhar o universo mental dos indivíduos, bem como reconhecer aspectos particulares no âmbito geral, e será o referencial teórico-metodológica do presente projeto de pesquisa. Na obra de Carlo Ginzburg, historiador italiano, utilizado aqui como referência, pela contribuição do pesquisador a destacar em sua obra – **O Queijo e os Vermes (1987)** – a possibilidade de trazer a cena detalhes, fatos, fontes, sobre a vida de indivíduos marginalizados pela historiografia tradicional, e que, através da nova abordagem de Ginzburg tornaram-se possíveis novos padrões de construção da história. E por ser este um estudo que privilegia indivíduos comuns e suas práticas, Edward Thompson será utilizado nesta pesquisa, por sua obra expressar uma preocupação

**“...no estudo das resistências das classes subalternas procurando valorizar atitudes e comportamentos que, aparentemente insignificantes ou imediatistas, eram no fundo relevadores de uma identidade social em construção...”<sup>5</sup>**

Retomando o objetivo deste estudo e destacando algumas especificidades de Juiz de Fora, se faz necessárias algumas considerações que permitirá visualizar como

estava a cultura na cidade. Aqui, no século XX, já existiam telégrafos, imprensa, Fórum, escola e banco. Com todo esse desenvolvimento, encontravam-se, na cidade, além de fazendeiros de café, profissionais de outros setores como médicos, advogados, professores, políticos etc..<sup>6</sup>

O cotidiano juizforano era rico em atividades culturais, em festas e o lazer dividia a sociedade, para um público mais elitizado, existiam espetáculos refinados, enquanto outros, tinham o caráter mais popular. Alguns desses eventos eram organizados pela própria população, outros vinham de fora. As primeiras chamadas sobre divertimentos nos jornais de Juiz de Fora, falam de festas bem familiares, como concertos musicais, saraus, bailes de aniversário e jogos participativos.<sup>7</sup>

Pretende-se observar, através do estudo das fontes, e, utilizando como referencial teórico os autores citados, como os negros atingiram um grau maior de sociabilidade com a sociedade branca de então, utilizando os momentos de lazer. Portanto a proposta inicial é entrelaçar os documentos com as entrevistas realizadas com alguns descendentes diretos de escravos, filhos e netos. As entrevistas serão o ponto de partida, pois fornecem alguns relatos de experiências comuns vivenciadas pelos libertos e seus descendentes.

Observa-se que os momentos de lazer proporcionavam não somente fortes vínculos entre os negros, como também criavam as condições necessárias para a convivência destes indivíduos com a comunidade branca comparados a outros momentos, portanto o lazer era fator de integração social. A sobrevivência das tradições e dos ritos solidificavam as relações entre os negros que, neste contexto, enfrentavam uma sociedade conservadora, católica, hierarquizada e que os excluía.

Em todas as entrevistas realizadas até o momento, as questões referentes à inclusão social são comuns. O desejo da aceitação em comunidade, a liberdade de expressão sem repressão ou confronto, são buscados pelos negros em todos os momentos.

O Sr. Francino Miguel relata, em sua entrevista gravada e arquivada no Setor de Memória da Funalfa, sua frustração por não saber ler e, ao mesmo tempo, sua alegria por ter sido a primeira criança a ser batizada na capela da Fazenda da Floresta em Juiz de Fora. Esse relato retrata a necessidade de ascensão social, de aceitação por parte da sociedade branca.

Em um outro momento, o Sr. Francino fala sobre o tratamento que os administradores davam aos negros, chamando-os de: orelhudos, macacada, crioulinho, bicho da orelha redonda. Segundo ele, **“A raça negra era pisada.”** No entanto, nos momentos das festas, cantorias, pagodes eram os mais esperados, nesses momentos a liberdade estava garantida.

Outra fonte a ser destacada aqui e que demonstra o encontro entre os negros e brancos em festejos populares, está no “Inventário Sumário do Fundo da Câmara Municipal no Período Imperial”, do Arquivo Histórico da Prefeitura, série 108, item V – Licença para soltar fogos, no qual em 11 de maio de 1915, encontra-se um requerimento de José Barcellos para soltar fogos em comemoração de 13 de maio, por se tratar desta, uma festa nacional. A convivência era possível, mas não era fraterna, o conflito permeava estas relações.

Retomando neste ponto, o conceito da circularidade de Carlo Ginzburg, a relação entre as culturas é explicitada na entrevista do Sr. João Batista Assis, quando relembra que, para frequentar a Boate Elite, ele deveria estar muito bem arrumado, inclusive usando gravata, se não tivessem este acessório, o dono do estabelecimento o emprestava: **“Ele tinha uma coleção delas, ia no segundo andar e buscava uma para qualquer um que precisasse.”**

O “Elite”, mesmo sendo uma boate só de negros, exigia um padrão no trajar que não fazia parte da cultura dos negros, mas dos brancos. De qualquer forma, o terno e a gravata simbolizavam uma aproximação destes excluídos à boa sociedade juizforana da época, na qual segundo a coluna **“Onde Se Diverte”** do Jornal do Comércio deste período, aconteciam grandes bailes, excelentes peças de teatro, entre outros eventos sociais. A

circularidade não só estava demonstrada no traje obrigatório, de certa forma o vestir-se desta maneira já representava que o lugar, mesmo sendo freqüentado por negros, era um lugar de respeito. Negro vestido de terno era mais respeitado.

Buscando reconstruir nas cidades suas vidas no pós-abolição, alguns libertos e seus descendentes tentavam ressignificar suas vidas na liberdade<sup>8</sup>. As famílias que chegavam à cidade, geralmente vinham por causa de familiares que lhes davam apoio. Isto se confirma na entrevista do Sr. João Batista de Assis, gravada e arquivada na Funalfa.

O Sr. João relata que veio de Lima Duarte para trabalhar no Curtume Krambeck, através de seu irmão, em 1924, e que morou na Mata do Krambeck onde existia uma vila na qual alguns trabalhadores podiam morar. A família vinha aos poucos, todos na mesma situação. O cotidiano era de muito trabalho no Curtume, mas aos domingos, segundo o Sr. João Batista, tinha festa: casamentos, batizados, noivados e se matava um porco. A cantoria seguia noite a dentro.

Na entrevista do Sr. Francino Miguel, que permaneceu durante certo tempo na fazenda do Retiro, as vindas à cidade representavam uma felicidade incomum: **“Tomava-se cachaça mesmo”**, e ainda relata que as prisões por bebedeira e vadiagem eram comuns. Vários rapazes como ele, “da roça”, vinham até o centro no Cabaré da Maria Birimbó e do João Bruziguinha, de sábado para domingo, o sanfoneiro, um crioulo chamado Jovelino, tocava uma sanfona de 24 baixos. Diversão garantida.

O lazer no cotidiano dos libertos e de seus descendentes, representava mais que uma fuga à dura realidade. Nestes momentos se fortificavam os laços de amizade, se ampliavam os espaços de convivência. O “fazer parte” era o que importava. A tradição do batuque, da cachaça, da roda de samba, das cantorias, perpetuava a memória de resistência impressa desde o cativo.

Dona Maria Caetana dos Santos, 111 anos, nascida em Santana do Garambel, na roça, relata em sua entrevista que, além de namorar escondido por um buraco na parede de sua casa, as procissões eram seus momentos preferidos. Ela seguia de

carroça até a matriz. Em seus relatos, Dona Caetana relembra os maus tratos sofridos na fazenda onde morava com a família, onde trabalhava o dia inteiro no cabo da enxada.

Já o Sr. João Batista conta que era muito difícil encontrar negros trabalhando no comércio, **“os que chegavam, dependendo da esperteza, iam arrumando colocação como carregador ou atendente”**. Neste ponto da entrevista e ao fazer outras, é fácil perceber que, no espaço do trabalho, todos os negros eram utilizados nos serviços mais pesados, diferente do espaço de lazer onde todos podiam se aproximar<sup>9</sup>.

O cotidiano era marcado pela dureza do trabalho que, mesmo após a abolição, não mudava muito. Os momentos de lazer eram, portanto, momentos de unidade, de estabelecimento de elos de solidariedade que representavam a permanência das tradições como um amálgama a solidificar a identidade deste grupo. O dia-a-dia era de pobreza e restrições, neste sentido os laços de apoio mútuo eram vínculos afetivos fortalecidos no trabalho, na vizinhança, no apadrinhamento.<sup>10</sup>

A rotina familiar, caracterizada pela precariedade, só se modificava nos momentos de lazer quando estes homens se aproximavam para conversar, bebericar, contar histórias, dividir angústias. Estes momentos os encorajavam para as duras jornadas no trabalho pesado.

Nos bairros, as famílias iam chegando na cidade à procura de trabalho, o que aumentava a periferia. O Botanágua (margem do Rio Paraibuna) era o bairro mais violento da cidade, lá muitos libertos encontraram moradia no pós-abolição. A amizade entre os vizinhos era fator de segurança, compartilhavam-se as aflições. Ao menor sinal de desordem, a polícia chegava e levava preso o suspeito, geralmente o preto e pobre.

Em alguns processos, encontramos as características dos desordeiros, como em um caso ocorrido em Vargem Grande, em 1890, na Fazenda Serra do Paraíso, o negro Victoriano, liberto, mata com um tiro sua mulher. Em outro processo, ainda do Arquivo Histórico da Prefeitura de Juiz de Fora, série X – Crimes contra a segurança da pessoa e da Vida, no Beco das Lavadas, no Botanágua, três indivíduos são presos por cantorias, mulatos, ainda atacaram os policiais.

As peças vão se encaixando na tentativa de reconstrução deste universo. Muitas são as dificuldades encontradas nos arquivos. Em muitos processos, não é especificada a cor do indivíduo, os indícios na interpretação do processo são desvendados nos depoimentos orais. Ao encontrar o termo “capoeira”, preso por briga, bebedeira ou outro delito, só a dedução, como exercício de análise, pode ser considerada como via na reconstrução das experiências cotidianas dos escravos libertos e de seus descendentes em Juiz de Fora.

Ao ressaltar as festas, os batuques, mandingas, capoeira, samba e pagodes como resistência à cultura branca, nos quais as diferenças eram afirmadas ao passo que estes espaços representavam a manutenção das memórias coletivas dos negros, não se afasta a idéia de que, nestes momentos de lazer, a convivência entre negros e brancos se tornava possível. Neste sentido, a “praça pública”<sup>11</sup> era o centro por excelência de todas as formas de expressão da cultura popular e o carnaval era uma festa de todos e, de certa forma, durante este período, todos os indivíduos podiam se expressar livremente<sup>1</sup>.

Na maioria dos relatos e fontes (aos quais aqui se remete), é possível verificar que, em algumas comemorações e festas, mesmo as mais populares, apenas a maioria das pessoas brancas freqüentavam, enquanto outras, como a “Roda da Tumba”, que era realizada em um salão, no Lamaçal, hoje bairro Bom Pastor, apenas negros participavam. Esta dança dos primitivos, “Amassa Barro”<sup>12</sup>, era uma mistura de jogo, capoeira e batuque. Talvez a maioria de negros se explique por ser o Lamaçal um bairro onde só existiam casebres de sapé e ainda, segundo o Sr. João Batista, muita briga por causa das negras bonitas e da bebedeira.

Fosse qual fosse o festejo, o universo da rua era o mais importante, a informalidade deste espaço combinava com a diversão. Na rua – praças, botecos, armazéns, birosas – todos se encontravam e compartilhavam esses lugares. Estes eram locais públicos onde amigos, vizinhos ou parentes podiam se encontrar livremente.<sup>13</sup>

---

<sup>1</sup> MATTOS, Hebe Maria. **Das Cores do Silêncio**: Os significados da Liberdade no Sudeste Escravista - Brasil Séc. XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 16.

<sup>2</sup> CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim – O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.27.

<sup>3</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **Panorama do Segundo Império**. 2º ed, Rio de Janeiro:Graphia, 1998, p.54.

<sup>4</sup> LANNA, Ana Lúcia Duarte. **Santos - Transformações Urbanas e Mercado de Trabalho Livre: 1870-1914** in **História Econômica da Primeira República**, ABPHE, Organizadores Sérgio S. Silva, Tomás Szmrecsánej. São Paulo: Huatec-Fapesp, 1996, p. 299.

<sup>5</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campos, 1997, p. 156/157.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, op.cit., p.90.

<sup>7</sup> Para perceber a dinâmica cultural da sociedade local neste período, bem como verificar a diversidade dos acontecimentos festivos que ocorriam na cidade, pesquisamos no Jornal do Comércio, do período em questão, na coluna “Onde se Diverte” no setor de Memória da Biblioteca Murilo Mendes no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas.

<sup>8</sup> Leia-se: MATTOS, Hebe Maria: “**Das Cores do Silêncio**” . CHALHOUB, Sidney: “**Trabalho, lar e botequim**”. GUIMARÃES, Elione Silva; GUIMARÃES, Valéria Alves: “**Cotidianos da Escravidão em Juiz de Fora**”; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de: “**Solidariedades e Conflitos**”.

<sup>9</sup> BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: HUICTEC/UNB, 1987, p.3.

<sup>10</sup> Opus cit. p. 11

<sup>11</sup> Opus cit. p. 3.

<sup>12</sup> Idem, p. 6.

<sup>13</sup> Segundo o Sr. João Batista de Assis, em sua entrevista gravada em mini-disc, na Funalfa, esta expressão se refere a um grupo de homens primitivos.